



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2017v5n3p37-48

O ESCRITOR PLÍNIO MARCOS: GÊNEROS JORNALÍSTICOS E LITERÁRIOS NA COLUNA “JANELA SANTISTA” *JORNAL DA ORLA*, 1999

EL ESCRITOR MARCOS PLÍNIO: GÉNEROS PERIODÍSTICOS Y LITERARIOS EN LA COLUMNA “JANELA SANTISTA” *JORNAL DA ORLA*, 1999

THE WRITER PLÍNIO MARCOS: JOURNALISTIC AND LITERARY GENRES IN THE COLUMN “WINDOW SANTISTA” *JORNAL DA ORLA*, 1999

Sérgio Arruda de Moura¹

Mozarth Almeida Miranda²

RESUMO

Esse artigo visa a elucidar manifestações de linguagem presentes no texto cronístico de Plínio Marcos. De forma operacional, avaliaremos características expressivas das crônicas do nosso *corpus*. Submeteremos a avaliação das crônicas da coluna “Janela Santista” à reflexão sobre gêneros jornalísticos e literários. Cada título possui peculiaridades confirmadas nas crônicas de Plínio.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Literatura. Crônica. Plínio Marcos.

RESUMEN

Este artículo pretende dilucidar las expresiones de lenguaje presentes en el texto crónico de Plínio Marcos. Por lo tanto, evaluamos características expresivas de las crónicas de nuestro *corpus*. Serán evaluadas las crónicas de la columna “Janela Santista” acerca de géneros periodísticos y literarios. Cada título ha confirmado las peculiaridades en las crónicas de Plínio.

PALABRAS CLAVE

Periodismo, literatura, crónica, Plínio Marcos.

ABSTRACT

This article aims to clarify language manifestations present in chronic text of Plinio Marcos. Operationally, we evaluate expressive features of the chronicles of our corpus. We will submit the evaluation of chronic column “Janela Santista” reflection on journalistic and literary genres. Each title has peculiarities confirmed in the chronicles of Plinio.

KEYWORDS

Journalism. Literature. Chronicle. Plínio Marcos.

1 INTRODUÇÃO

No contato com as colunas dominicais publicadas em 1999 – último ano de produção de Plínio Marcos no *Jornal da Orla* (Santos,SP) – é possível reconhecer aspectos importantes de renovação da crônica. O dramaturgo que se destacou nos anos 1970-1980 com peças relevantes para a renovação da cena teatral brasileira, mantém o que se pode chamar de discurso da “malandragem” na construção de personagens marginais que tanto caracterizou a sua obra; narrando “causos” de sua infância e adolescência em Santos.

Contudo, as crônicas aqui comentadas revelam um preciosismo nostálgico e memorialístico que nos leva à assertiva inicial segundo a qual a “respiração” da sua escritura não só resgata tradições e memórias de um tempo seu, mas também colaboram com o campo da crônica se revitalizando. Ali estão os jogos de várzea, o misticismo das classes pobres, a prostituição, o delicado acorde sobre a decadência do teatro e da cidade que ainda vivem em sua memória.

Plínio Marcos apresenta histórias de e com pessoas e lugares que conheceu, buscando um cotidiano tão peculiar ao discurso jornalístico. É evidente que, em se revelando como crônica, o seu discurso investe no aspecto poético no trato com os personagens, criando uma impressão de fundo ficcional e de fabulação formidáveis.

O trabalho de Plínio Marcos como cronista não é muito estudado tal como a sua produção dramaturgical. Tal razão despertou o nosso interesse em realizar um estudo de sua produção no *Jornal da Orla*, em sua coluna intitulada “Janela Santista”. Assim, o *corpus* a ser abordado é composto por 44 crônicas, todas publicadas em 1999, o ano de sua morte, em outubro. O dramaturgo e cronista compõe histórias com personagens reais e fictícios, e, muitas vezes, participa, como uma espécie de “comentador-personagem”, do relato

que compõe. Além disso, a maestria com os diálogos e a narrativa em pleno domínio do escritor maduro e vivido, atua também como um testemunho. É, enfim, uma história da cidade de Santos, periferia e centro, ao privilegiar os becos, as esquinas, os botecos e bares, os personagens já esquecidos, nos aglomerados marginais da sociedade.

Para a análise do material cronístico de Plínio Marcos, também investigamos e refletimos sobre gêneros jornalísticos e literários, questão importante para a avaliação de sua obra cronística. Plínio escrevia em uma coluna que representava um espaço de liberdade para o exercício da criação, com liberdade editorial, sem ser exatamente uma concessão, sob o instigante título de “Janela Santista”, mais que esclarecedor do trabalho que exerce o cronista, mas também o jornalista e dramaturgo.

2 O GÊNERO JORNALÍSTICO CRÔNICA DE PLÍNIO MARCOS

Costumeiramente, o cronista é um profissional ausente do ambiente de redação. Todavia, a crônica, é algo que convive com a realização dos demais profissionais, os textos jornalísticos. A diagramação das páginas e a vivência no jornal fazem com que a crônica se impregne do circunstancial que povoa o cotidiano. Ao mesmo tempo, ela é um gênero que se permite a ousadia e o descompromisso com a verdade factual enriquecida pelo olhar oblíquo do cronista. Uma das “funções” da crônica é contemplar os fatos relatados no noticiário, comentá-los, talvez ridicularizá-los ou até remeter a lembranças do passado para ilustrar os acontecimentos do presente, ou, simplesmente, contar histórias baseadas na notícia.

A origem da crônica remete-se à etimologia *chronos*, que evoca o deus grego que representa o tempo. Essa afirmação, tão banal quando se conceitua a crônica, parece ganhar força de verdade quando nos debruçamos sobre as crônicas aqui enfocadas. Bulhões (2007) reconhece *chronos* na etimologia de crônica como uma faixa temporal, associada à necessidade de registrar eventos de uma dada circunstancialidade.

O gênero crônica respira desprendimento e autonomia. Pode-se dizer que ela preenche um espaço independente das páginas dos periódicos, devido ao livre arbítrio do cronista de “pautar” o que acha interessante e dizer o que pensa, e não encontrar, de um modo geral, imposição da linha editorial do jornal. O compromisso do cronista, que já ofereceu ao cânone da literatura uma farta obra dramaturgica, parece se tornar ainda mais coerente consigo mesmo.

A nossa leitura da crônica no jornal impresso é feita com base nos gêneros opinativos, segundo Melo (2003). Ele vê a crônica no sentido de relato histórico, e assim, o estilo chegou ao jornalismo. Desse forma, conforme o autor, ela demonstra uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço e tempo.

No jornalismo contemporâneo, a crônica perdeu o sentido de relato histórico para assumir o papel de estetização do real, ressalta Pereira (1994) que defende os mecanismos de construção da linguagem jornalística como filtros das aparências desse “real”

O domínio da escritura cronística, um tanto por ter ele atuado no jornalismo desde os anos 1960, torna Plínio Marcos um autor que se enquadra tanto nas tradicionais definições do gênero quanto nas que aqui tentaremos esboçar.

2.1 A REMEMORAÇÃO

Plínio Marcos rememora fatos em suas crônicas. A dinâmica de um jornalista livre de pautas amarradas

também o libera para o exercício ficcional, ao mesmo tempo que jornalístico e etnográfico. O cronista, ao nosso ver, é aquele que aproveita o seu prestígio para tratar de assuntos que não se relacionam diretamente com a exigência do presente. Ele parece não sofrer retaliações editoriais, pois, como podemos observar no contato com as suas crônicas, em alguns casos o diagramador da página reduz a fonte do texto para comportá-las no espaço determinado. Esta subversão nos faz crer que, provavelmente, suas crônicas não eram editadas.

A necessidade de relatar as suas histórias do passado fica evidente em trechos como este:

Nas comemorações da Semana Santa eu sempre sinto uma saudade imensa dos tempos em que era artista de circo. Nessa época, em baixo de qualquer lona, do melhor pavilhão ao pior mafuá, todos os circos montavam a Paixão de Cristo. Era um agito. (“Paixão de Cristo em Mafuá”, 04/04/1999).

Soa estranho “descobrir” que o autor de peças desconcertantes sobre prostitutas, criminosos, párias em geral redescubra suas memórias de encenador de uma “Paixão de Cristo”, principalmente porque estas tradições estão se perdendo. Relembrar casos com esses mostra as origens difíceis de toda grande carreira. E parece que esse é o dado relevante desta crônica-memória.

Outra estréia do passado confirma isso:

Naquele tempo, a estréia no Teatro do Centro Português foi cheia de forrobodó: polícia, censura, uma proibição atrás da outra. Escoramos as broncas e aprendemos que respeito se conquista encarando as encrencas. Tiveram que me engolir. Estão tendo que me engolir ainda, com casca e tudo, e será assim até o final dos meus dias. (“Saltimbanco do Macuco”, 03/10/1999).

O teatro é um tema relevante nas crônicas de Plínio, e não devia ser diferente, junto com a memória dos amigos que conheceu na trajetória artística. Os companheiros que enfrentaram a ditadura militar no Brasil e as dificuldades com a censura das peças recebem a

gratidão do autor. Esses “personagens”, que frequentemente são citados, servem como testemunhas de um tempo resgatado com saudade pelo cronista:

Era meu amigo, amigo de quem também não levava a sério os pretensiosos, amigo de gente sem dinheiro, que não tinha oportunidade de trabalho para oferecer a ele. [...] O D'Aversa convidou um grupo de amigos pra ver a estréia na casa dele; eu estava lá, claro (“Alberto D'Aversa, um gênio” 20/06/1999).

Os amigos de tempos passados, em alguns casos, são substituídos pelas lembranças de infância.

A molecada na antiga Laranjeiras não vacilou: pulamos dentro do furgão e saqueamos as caixas da Bala Futebol. Só eu afanei duas fileiras de dez caixas. Correndo, escondi todas elas no porão do chalé verde em que morava. (“Cadê o Tom Mix”, 07/03/1999).

As peripécias de criança são tratadas com afeto e humor. Qual cronista resiste às memórias de menino? Observamos que o autor procura deixar um legado, “uma história de vida” – de sua vida. No repertório, o futebol é um assunto presente no passado do cronista, aliás, é uma paixão que ele retrata em sua obra.

Sempre me vêm à memória histórias do Jabaquara, atual Leão da Caneleira. Sempre aparece diante dos meus olhos úmidos o rosto da molecada do meu bairro de infância, ali no Aquário, na Ponta da Praia, atrás do campo do Jabuca. Quantos craques não saíram dali [...]. (“As chuteiras do Jabaquara”, 17/01/1999).

O autor procura resgatar os ambientes e as pessoas que estavam à sua volta, recolhendo histórias com mais de 40 anos passados. O teatro, a infância, o futebol e as pessoas que dividiram experiências com o cronista são pilares memorialísticos para a sua narrativa.

2.2 A LINGUAGEM ESPECIAL DE MALANDROS E MARGINALIZADOS

Nas crônicas em destaque, Plínio Marcos descrevia o cotidiano com o qual se deparava, o expressa atrelando-o a situações enfrentadas por esses perso-

nagens do real degradado. Ao fazer isso, ele carrega o seu texto com a linguagem “barra-pesada” do excluído social.

Ao expor as formas de expressão do sujeito marginalizado, dá voz, sem filtro, a uma realidade humana que ele julga um cronista dever escutar. O autor, muitas vezes, observa o fato que se passou ou sobre o qual ouviu falar, e, assim, coleta informações. Assim, o uso de expressões e construções sintáticas personifica o tipo enquadrado no toque de romancista que, aliás, ele é.

A crioula ficou uma vara. Se picou de raiva e foi bronear com a macumbeira.

– Tu é enganadeira. Pegou a minha nota e não jogou o desgraçado do Bacalhau no chão.

– Não aconteceu nada com o teu homem? – a mãe Begum se fez de boba.

– Não! Não! Não! O português está mais firme que uma rocha – berrou a negrinha.

– O cara é cutruco? – perguntou de surpresa Mãe Begum.

– É Português, sim! Português salafra! – selou a atucanada Marion.

– Por que não avisou logo que o tal pilantra era labrego? Daí eu não pegava o trabalho – declarou aliviada a Mãe Begum de Obá.

Diante do espanto da negrinha Marion, a mãe-de-santo pôs a maior banca:

– Escuta, minha filha: se macumba pegasse em português, crioulo nunca tinha sido escravo [...]. (“Amor e ódio de Bacalhau e Marion”, 18/07/1999).

O trecho representado acima não apresenta somente o registro da linguagem das mulheres de periferia, mas se trata de uma reutilização da fala dos marginalizados com finalidades expressivas. A crônica parece ser o domínio privilegiado da hibridização de tantos gêneros literários. O teor de violência na linguagem é um aspecto que deve ser observado com ênfase.

– Que zorra! Trazer pixote em jogada dá nisso.

Porém, o Neguinho maneirou e deu destino pro Zico:

– Que nada, gente! O garoto é ponta firme. Vai ser matador. Na primeira vez que se apaga um pinta é assim mesmo. A gente vomita, vai na igreja rezar pela alma do desgraçado, tem sonho ruim, carrega fantasma pra lá e pra cá. Depois do segundo, não dá mais truta. (“O Batismo”, *Jornal da Orla*, 10/10/1999.)

Desse modo, a escrita de Plínio Marcos assimila o âmbito da violência no interior da própria linguagem. Verificamos na observação desses trechos “que a experiência mais degradada só pode ser configurada nos termos da violência no interior das formas de expressão” (BULHÕES, 2007, p. 187).

3 COLUNA: UM ESPAÇO ECLÉTICO

A designação *coluna* na imprensa brasileira dá margem a ambiguidades. Normalmente, denomina-se coluna uma seção fixa. Assim, ela abrange o comentário, a crônica e até a resenha. “Historicamente, a coluna originou-se da antiga diagramação vertical, em que as matérias eram dispostas de cima para baixo, passando, se necessário, à coluna vizinha” (MELO, 2003, p. 139). Hoje, com a diagramação horizontal, a coluna migrou da disposição vertical para o espaço fronteiro. Devido a isso, o uso da palavra da *seção* para denominar coluna é comum. A “Janela Santista” é exemplo disso.

“As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa sempre na mesma página”, confirmam Rabaça e Barbosa (1978, p. 102). Os textos de Plínio do *Jornal da Orla* não fogem dessa lógica, pois eram impressos na página de variedades, e sempre na posição superior da folha.

“A coluna é a seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum” (MELO, 2003, p. 140). Tal definição nos remete à liberdade de Plínio Marcos na escrita de suas crônicas no *Jornal da Orla*.

Plínio Marcos faz de sua coluna um mosaico, estruturado por unidades curtas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência de temas. Por meio disso, pinça opiniões e

exerce um trabalho sutil de orientação da opinião pública. A verticalidade gráfica do espaço da crônica é condizente com o seu caráter opinativo. Segundo Fraser Bond (2003, p. 140), “a coluna surgiu na imprensa norte-americana, em meados do século XIX, quando os jornais deixaram de ser doutrinários e adquiriram feição informativa”. Reparou-se, na época, que o público começou a desejar matérias que fugissem do anonimato e da impessoalidade da redação. Os leitores esperavam um espaço de opinião e de personalidade do redator responsável.

José Marques de Melo (2003, p. 140) é categórico nesse aspecto: “A coluna corresponde à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade de seu redator”; partindo dessa premissa, exemplificamos com uma passagem da crônica “Encontraram ‘dois perdidos’”.

Só que todo mundo fica querendo montar “Dois Perdidos” sem pagar direitos autorais; me ligam insistindo, achando que fico lisonjeado de ser escolhido. Não deixo, não deixo mesmo. [...] Ademais, quando a censura me proibiu de trabalhar, proibiu a montagem de qualquer uma das minhas 20 peças, eu fiquei no oraveja e ninguém me socorreu. (“Encontraram ‘Dois Perdidos’” 11/07/1999).

Segundo Bond (1962), ele produz um “coluna miscelânea”, ou seja, “foge ao padrão tipográfico convencional, misturando tipos; não se prende a nenhum assunto, incluindo uma grande variedade de temas” (MELO, 2003, p. 141). Como já observamos, há uma intensa multiplicidade de assuntos:

Com a vida custando os olhos da cara do jeito que está, tem gente se agarrando em fio desencapado, matando cachorro a grito, jacaré a beliscão, fazendo qualquer negócio pra defender o feijão de cada dia. E isso já faz tempo... Por isso, não causa espanto a profissão escamosa de Onorino: ele vivia de matar macuco. (“O pio do macuco”, 22/08/1999).

A coluna, na realidade, é uma seção que emite juízos de valor, com sutileza ou de modo ostensivo. O próprio ato de selecionar fatos e “personagens” a merecerem re-

gistro já revela uma inclinação para o opinativo. Assim, pode se dizer que a coluna tem fisionomia persuasiva.

4 ARTIGO: UMA VISÃO DEMOCRÁTICA

O artigo é o gênero que democratiza a opinião no jornalismo, tornando-a não um privilégio da empresa jornalística e dos seus profissionais, mas possibilitando o seu acesso a cidadãos, líderes comunitários e intelectuais. O acesso à opinião do articulista nos leva a crer numa forma de representação preocupada com a formação intelectual do leitor. Analisaremos marcas desse gênero, presentes na produção de Plínio nos dez meses de publicações de suas crônicas no *Jornal da Orla*.

Por meio de argumentos, histórias de pessoas, reflexões e opiniões, Plínio Marcos nos faz observar peculiaridades no seu texto que tangem o gênero artigo. Ao analisar os textos, deparamo-nos com a liberdade do cronista em abordar temas que não estavam em pauta na época da publicação dos textos, como exemplificado abaixo:

Na Europa inteira se confunde esse tipo de artista com faquir. Mas não tem nada a ver. É tipo de artista de malfuá, de circo mambembe, de fim de feira. [...] Mas não é faquir. [...] O europeu confunde muito feiticeiro ropiador, o dervixe e o iogue com o faquir. Nada a ver. Esses jamais seriam autoflageladores. Esses podem ser santos, curadores, mas nunca se autopuniram com faz um faquir. (“Nem tudo que parece é faquir”, 23/05/1999).

Plínio Marcos critica os artistas que se passam por faquir, baseando-se em sua carreira extensa como palhaço de circo. O espaço de que dispõe no jornal permite-lhe liberdade opinativa. Liberdade em relação ao tema e ao juízo de valor. Registramos, a seguir, um trecho em que ele ressalta a triste tendência técnica dos atores de televisão.

O contador de história precisa estar sempre com o Espírito Santo presente, apto para criar de improviso. Muitos artistas, muita gente famosa de teatro não sabe

fazer isso. Principalmente agora, na era da televisão; os atores dizem o que decoram, mas não sabem decorar, mas não sabe escutar. E escutar é essencial para se conseguir ritmo. (“A arte de fazer rir”, 07/02/1999).

Percebe-se a atualidade dos temas abordados nas crônicas. A partir daí, destacam-se argumentos e interpretações, peculiares ao artigo, presentes em sua coluna do *Jornal da Orla*.

Eu argumento que não vou ficar andando a pé pra eles se bandearem de carro pra lá e pra cá, montando “Dois Perdidos” de graça. Pergunto se empresta o carro deles por um tempo, já que eles me pedem a peça emprestada por um tempo...Aí é que aquele papo furado: “Ele não ama o teatro”. Como se amar teatro fosse usurpar texto alheio para uma montagem amadora. (“Encontraram ‘Dois Perdidos’”, 11/07/1999).

Na época em que lançou esse texto, Plínio Marcos estava enfrentando problemas com direitos autorais, e se juntou a outros autores para combater o uso indevido das obras teatrais. No próximo trecho, do mesmo texto, o autor continua a “polêmica”: “Eu nunca neguei minhas peças para profissional. Teve tempo em que havia cinco ou seis companhias fazendo o “Dois Perdidos” simultaneamente, cada uma num canto do Brasil” (“Encontraram ‘Dois Perdidos’”, 11/07/1999).

O cronista mantém a defesa de seu ponto de vista, ressaltando outros aspectos na sua argumentação:

No mundo inteiro é assim, o povo de teatro sempre se interessa pelos “Dois Perdidos”. Agora mesmo, na França, houve uma disputa entre duas traduções, a da Ângela Leite Lopes e a do Jacques Thierryot, concorrendo a uma leitura dramática no Festival de Avignon. [...] Este ano iremos a Portugal. O ator Roberto Bomtempo vai estrear a direção de cinema numa co-produção de “Dois Perdidos”. O ator Alexandre Borges, filho do santista Tanah Corrêa, também quer o “Dois Perdidos” para Portugal, não sei bem se pra cinema ou teatro. (“Encontraram ‘Dois Perdidos’”, 11/07/1999).

O cronista debate vários assuntos, e nem sempre está preso à atualidade dos fatos jornalísticos. Além disso, não está sob a pressão da rotina do jornal diário.

5 COMENTÁRIO: A VOZ DO AUTOR-PERSONAGEM

A noção de comentário não é muito precisa dentro das empresas jornalísticas e nos manuais sobre jornalismo. O comentarista, normalmente, é tido como alguém capaz de avaliar os fatos por possuir uma considerável bagagem informativa e histórica. Plínio Marcos adiciona à sua crônica o comentário e, por meio dele, transita com liberdade por diversos assuntos e temas.

As marcas do gênero (ou subgênero) *comentário* que observamos nos textos cronísticos de Plínio são diferentes dos textos dos comentaristas convencionais, pois revelam situações, colocando o cronista como “personagem”. Ao tratar do tarô, nota-se um exemplo disso:

Tenho andado por aí dando palestras e cursos sobre o tarô. Meu objetivo é o de sempre: instigar. No caso, instigar a platéia a analisar as cartas e seus significados através de reações intuitivas que elas despertam e de símbolos que elas evocam. (“Bate papo sobre tarô”, 30/05/1999).

Em outros casos, Plínio cita episódios do passado para comentar o presente, como vemos no excerto abaixo:

A gente de Santos adorava fazer teatro na Comercial Santista. Muitas vezes trabalhei lá, na companhia da Wilma Duarte ou na do Zé Garrafa. O povo de Cubatão é teatreiro. Pena que hoje esteja sem teatro. Tem um em construção, mas a obra está parada. Uma pena! (“As professoras de Cubatão”, 27/06/1999).

Continua com o tema “teatro” quando cita os novos atores santistas que estão se destacando no cenário nacional:

Vão aparecendo os cupinchas do Toninho Dantas, figuras que instigam o teatro santista com fizeram Patrícia Galvão, Paulo Lara, Carlos Pinto. E já vão surgindo o Zeca do Marcão Rodrigues, o Alexandre e o André do Tanah Corrêa... A turma de artistas que surge sempre na nossa Baixada Santista, graças a Deus, não acaba nunca. (“Esses mestres do teatro”, 21/03/1999).

Em uma oportunidade, comenta o talento de músicos da baixada santista:

Santos é uma cidade pródiga em grandes artistas, não canso de dizer. E não canso de citar o genial músico Gilberto Mendes, compositor respeitado no mundo inteiro. Glorioso, incrível, mistura música clássica com popular e assombra. [...] O que pesa na balança nesse momento é a saudade do tempo que eu vivia em Santos, curtindo a boemia lá na Vila dos Bancários. (“Perdeu o melhor!”, 14/03/1999).

Retiramos da crônica “O Tarô do Ano Novo”, o comentário do autor sobre o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Já o Fernando Henrique Cardoso não vacila, fez uma previsão leviana para 99 que não tá com jeito de acertar; político faz muita graça e diz muita bobagem. Lendo os jornais, a gente acerta. Mas não se trata de adivinhação. É só uma questão de perceber o que já está escancarado. Não dá outra: quem planta vento colhe tempestade. (“O Tarô do Ano Novo”, 03/01/1999).

Com a independência que goza, o autor tem plena liberdade para exercitar o comentário com a marca de criatividade, demonstrando o seu olhar crítico como jornalista e cidadão. No caso de Plínio, seu posicionamento ideológico e sua posição relativa à sociedade são sempre ostensivos, bem marcados nas linhas do texto.

6 CONTO: UM TOQUE DE LITERATURA

As nuances do gênero conto presentes nas crônicas de Plínio Marcos dizem respeito, basicamente, à existência de conflito no interior da ação narrativa. O conto nasce, segundo a definição de Moisés (1965, p. 28), “quando se dá o choque de duas ou mais personagens, ou de uma com suas ambições e desejos contraditórios”. Os acontecimentos narrados no conto dão-se em um curto espaço de tempo, visto que não interessam tanto o passado e o futuro narrativos. Essa é uma característica presente nos textos cronísticos de Plínio Marcos no *Jornal da Orla*, como vemos a seguir:

Por essas e outras, o Wilson Capão botou o Dodô pra treinar. A primeira bola que o Dodô pegou, ciscou de um lado pro outro, o becão Rui Maluco veio como uma vaca brava em cima dele, o boleiro se esquivou e meteu a bola entre as pernas do Rui Maluco, que ficou picado de raiva e partiu pra cima do moleque. Preciso o Henrique Alemão garantir a parada do Dodô. [...] Nova jogada. Dodô jogou a bola, esperou o Rui Maluco entrar com tudo e, outra vez, tirou o corpo e pôs a bola entre as pernas dele. Aí encardiu. Seu Capão conteve o zagueirão e berrou pro Dodô:

- Cai fora, moleque! Cai fora! Vai embora, aqui não treina mais. (“Dois grandes craques”, 31/01/1999).

De acordo com Maria (1984, p. 72), “encontramos, ainda hoje, contos que contam uma estória, pura e simplesmente, uma estória única e fechada em si mesma, com princípio, meio e fim, guardando para os últimos parágrafos um ‘fecho de ouro’”. Com base nessa afirmação, vê-se que Plínio Marcos, ao relembrar histórias de seu time de coração, o Jabaquara Futebol Clube, dedica-se a enfatizar um acontecimento narrativo no final do texto.

De outra vez, o Corinthians estava jogando no Parque São Jorge contra o Jabaquara. O Almir Pernambuquinho, craque de seleção e metido a bravo, estava no time deles. Num lance meio esquisito, ele encostou o pé no Célio, do Jabuca. Garoto valente ali do Marapé, o Célio não afinou, revidou na hora. O Almir ficou louco de partir pra cima do Célio, ele saiu correndo, o outro correndo atrás. Aí é que não prestou pro craque do Corinthians. O Célio deu um pulo pra cima e mandou um pontapé nacara do Almir. Mais um corinthiano que sai de maca pra não voltar pro campo durante o jogo. (“Jabaquaradas”, 25/04/1999).

O contador de “causos” expõe mais um exemplo com outra história do futebol:

Nesse dia, segundo se conta pelas quebradas, o jogo estava equilibrado. Iam levando na boa, quando um burro chucrão (um burro mesmo, não é força de expressão, não) entrou no campo e parou numa das áreas. [...] Aí alguém apelou pro Nego Orlando.

- Tiro o burro do campo, mas com uma condição – o crioulo não era mole. Foi logo decretando: - Se eu tirar o burro, meu time bate um pênalti; se marcar gol, a taça é nossa. (“Valentes de Santos”, 09/05/1999).

O conto depende da interpretação e do “modo de ver” do leitor, considerando a contínua reversibilidade dos valores, neste encontro da ‘criação’ com a ‘leitura’, do autor com o leitor” (MARIA, 1984, p. 90). Baseando-se nessa definição, nota-se que Plínio Marcos explora o relacionamento amoroso entre personagens. Normalmente, enfatiza o conflito entre as duas partes de diferentes formas. No exemplo abaixo, o interesse financeiro é o motivo do choque entre o casal.

De tanto ligar suas antenas nesse bafo, a negrinha Marion, pistoleira escolada por muitos anos de janela, começou a paquerar o Bacalhau. A crioula queria botar a mão na bufunfa e cair fora da piorada que levava. O cutruco era o seu pedal. [...] Olhava pro Bacalhau e via um bilhete premiado. E tome denego. O portuga que de otário só tinha a fuça, dava carga. Se servia. Ninguém falava em dinheiro. [...] Certa de que o seu cupincha estava entrutado no seu chamego, a Marion metu ficha:

- Tou precisada de uma grana. É pra tirar o bacuri, que não pode ser; tu que tem culpa. Era chaveco. O portuga sacou. [...] Ela perdeu a esportiva e saiu na linha grossa: - Não tem disso, não. Vai bufar, mas tem que gemer com a sonante. Pensa que eu sou palhaça? (“Amor e ódio de Bacalhau e Marion”, 18/07/1999).

O autor, com sensibilidade, “prorroga” o sofrimento dos dois personagens por viverem o próprio passado e a vivência do outro:

Pensava consigo que não valia pena curtir esperança no destino, porque um dia, fatalmente, um barco apitará no cais do porto e o marujo Valdemar se mandaria para cumprir a sorte que Deus lhe deu. [...] Achava o marujo que, leviana como todas as mulheres que conheceu, a Maria de Lurdes se arrancaria com um pescador qualquer, pra não deixar mal o mestre de cartas que lhe traçou a rota da bandida. E nessa zorra se atucanavam. (“Coisas da vida”, 31/10/1999).

O cronista demonstra, no próximo trecho, um casal indefeso à mercê da criminalidade espalhada pelas ruas. A violência, tão evidente nos dias de hoje, é estampada pelo autor por meio da ênfase a um acontecimento narrativo de impacto:

Na sexta-feira, ele jamais cruzava um farol fechado; é noite de bêbado e ninguém deve se fiar nos outros. O

moço bom brecou. Aí, o Leléu saiu as encolhas com sua curriola. Cercaram o carango e encostaram as armas na cabeça dos dois, renderam o casal e deram as ordens. [...] Os bandidos maquimbaram sua grana, seu relógio. E o pior: esculacharam sua noivinha. [...] O Leléu mandou cinco tiros no moço bom. Depois mandou a noivinha de quebra. (“Transas das sextas-feiras”, 15/08/1999).

Os personagens de Plínio Marcos parecem ser representações de pessoas que trafegam pelo nosso cotidiano. Eles estariam por toda a parte, e são as matérias-primas do cronista-contista em alguns exemplos.

Já o Zico estava cabreiro. Era a primeira vez que ia entrar num bate-papo de arma na mão. Era a sua hora da verdade e não podia ser mancada. Se fizesse besteira, não iria ter perdão. Além do esculacho que levaria dos parceiros, ficaria manjado, nas bocas encardidas. [...] Nunca soube quem foi o seu pai, da mãe, soube pouco. [...] De vez em quando, entrava em fria. Ganhavam o Zico e metiam ele no reformatório. (“O Batismo”, 10/10/1999)

Outro personagem que possui algumas semelhanças com Zico (acima) é Bira. A infância degradante e a convivência com a criminalidade é o que se demonstra a seguir:

Apanhando as sobras, encarando a sorte encardida como dava, se atucanando de fome e de frio. Claro que se machucou, se marcou e se sentiu no prejuízo. Mas, por não ter contra quem chorar, segurou as pontas. Debaixo das pancadas se fez duro ou sacana. Abriu os olhos de ver. Viu. Aprendeu os tramos e os macetes. Se fez gente. Podia escolher seu rumo. Foi quando se entortou mais ainda. (“Bira Morfético”, 17/10/1999).

Os dois excertos anteriores nos põem em contato com um mundo suburbano e cruel. Aparecem personagens que foram “jogados” na vida e ingressaram num mundo sujo para se defender e sobreviver. Ainda, analisando os personagens, o cronista-contista nos narra outra história:

O pivete loiro se meteu num barco que partiu de um ancoradouro que ficava pra lá do loló do mundo. Seu negócio era navegar pelas sete águas. Estava com a cuca fundida pelas milongas de marujos coroas. Só se ligava em papo de Moby Dick, Barba Ruiva, Ilha do Tesouro, Na-

vio Fantasma e outras mareas. Vivía atucanado por não ter nascido no tempo dos piratas. [...]

De mar em mar, de porto em porto, veio atracar em Santos. Desceu em terra a fim de entortar o cabo. Já estava se sentindo marinheiro escolado. Agüentava qualquer balanço. (“Uma barca chamada Esperança”, 05/09/1999).

O cronista-contista transita por diferentes tipos de personagem. O “pivete loiro”, por exemplo, era um rapaz que queria conhecer o mundo e, para isso, enfrentou os perigosos mares. Realidades aviltantes são marcas nesses textos.

Expor as situações do cotidiano na sua crônica, e, a partir disso, contar uma história é algo frequente nas crônicas de Plínio Marcos. Ao fazer isso, aparecem personagens complexos, degradantes ou “normais”; ambientes hostis; e histórias tristes, ou cômicas. Esse é o repertório de Plínio Marcos no desenvolvimento de marcas do gênero conto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso estudo procurou realizar avaliações dos textos do autor estruturados por pilares teóricos que nos revelaram aspectos importantes para a compreensão da produção cronística de Plínio. A tarefa nos permitiu detectar uma variedade de temas e aspectos formais expostos nas crônicas publicadas de janeiro a outubro de 1999 pelo *Jornal da Orla*.

Efetuada tal análise, algumas considerações podem ser apresentadas. No entanto, vale lembrar que não são considerações de caráter conclusivo. Aliás, o objetivo desta pesquisa é um tipo de texto dotado de marcas discursivas analíticas, muitas vezes, com carga interpretativa, o que dificulta conclusões imutáveis sobre a crônica de Plínio Marcos.

Segundo Antônio Cândido (1980, p. 62), a crônica moderna assume o ar de “conversa aparentemente fiada” em torno de questões aparentemente secundá-

rias, não vinculadas ao espectro noticioso. Isso esteve bastante presente nos textos de Plínio no seu espaço do *Jornal da Orla*. Cândido (1980, p. 68) ressalta que a crônica “dá uma trégua necessária à vida social”, o que propunha a “Janela Santista”.

A prática cronística de Plínio resvala no gênero *artigo* quando observamos a intimidade do autor ao se deparar com assunto dos quais possui conhecimento. A presença de características “contribui para dinamizar a vida do jornal ou da revista, superando as limitações naturais que perfazem a sua fisionomia informativa ou opinativa” (MELO, 2003, p. 126). Assim, o articulista traz novos prismas para analisar alguma conjuntura e traz novas informações e ideias para completar a crítica do cenário que aborda.

Já o gênero *comentário* surge no texto de Plínio no momento em que se posiciona como uma espécie de “co-autor” dos fatos, como nos casos em que narra episódios de sua vida para ilustrar o passado ou o presente. “Comentar é uma tarefa que pressupõe ancoragem informativa e perspectiva histórica. Sem dispor de dados concretos e de referencial analítico, o comentário corre o risco de cair no vazio e fraudar o receptor” (MELO, 2003, p. 117).

Outra observação que vale ressaltar é a presença de características do gênero literário *conto* nas crônicas de Plínio. De acordo com o Massaud Moisés (1965, p. 101) “os acontecimentos narrados no conto podem dar-se a curto espaço de tempo, visto que não interessa ao passado e o futuro”. Seus personagens representam pessoas que passaram pelo nosso cotidiano. E estes formam a “matéria-prima” usada na construção da crônica. Tal recurso parece ser uma forma eficiente para atrair o leitor. O cronista transita por diferentes tipos de personagem, normalmente complexos em seus dramas e conflitos de natureza social.

Esta pesquisa visou prestar uma contribuição para a reflexão a respeito do gênero crônica no contexto jornalístico brasileiro, tendo como ponto de observação e

análise a produção cronística de Plínio Marcos. Além de documentar o percurso de nosso estudo, este trabalho presta homenagem ao cronista sempre despojado e às vezes polêmico presente nos veículos por onde passou.

REFERÊNCIAS

- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Serviço de Documentação, 1956.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão. Para gostar de ler**. V. V, Crônicas, São Paulo: Ática, 1980.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas-SP: Unicamp, 1992.
- CASTRO, Gustavo de, GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.
- KOTSHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria, técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2.ed. São Paulo: Record, 2002.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2.ed. Campinas-SP: Unicamp, 1995.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia:** jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

MARIA, Luzia de. **O que é conto.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia:** um produto à venda (Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial). São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo.** 3.ed. Campos do Jordão-SP: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda., 2003.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária.** São Paulo: Edusp, 1965.

MUIR, Edwin. **A estrutura do romance.** Porto Alegre: Globo, 1971.

PEREIRA, Wellington. **Crônica:** arte do útil ou do fútil? João Pessoa: Idéia, 1994.

SÁ, Jorge. **A crônica.** 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Recebido em: 22 de junho de 2016
Avaliado em: 29 de julho de 2016
Aceito em: 16 de dezembro de 2016

1. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. E-mail: arruda.sergio@gmail.com
2. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Julio de Mesquita Filho; Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo – UNESP. E-mail: mozarthdias@hotmail.com